



Recebido em: 20/10/2019

Aceito em: 09/11/2019

Discurso Neopentecostal e o ensino da História e cultura afro-brasileira

Neopentecostal discourse and the afro-brazilian History and culture

Mestra Lavini Beatriz Vieira de Castro¹

CEFET-RJ

<http://lattes.cnpq.br/9041208873606071>

Resumo: O presente trabalho apresenta uma reflexão acerca dos entraves que a postura das igrejas neopentecostais pode gerar para implementação do ensino da história e cultura africana e dos afro-brasileiros nas escolas. A Lei 10.639/2003 torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, visando assegurar o direito à igualdade de visibilidade das diversas culturas que compõem a sociedade brasileira. Entretanto, podemos observar que seu cumprimento é extremamente precário. Diante de diversos entraves para a aplicação da lei, pretendemos discorrer nesta pesquisa como se dá a influência religiosa de cunho neopentecostal a seu respeito, pois identificamos nesta relação um entrave que nos parece ser de aparato ideológico. O interesse no tema ocorreu devido ao aumento do número de casos de intolerância religiosa noticiados na mídia e páginas da internet, mas que têm se feito presentes no ambiente escolar contra a difusão de elementos da cultura afro-brasileira, especialmente no que tange à religiosidade.

Palavras-chave: Lei 10.639/2003; Diversidade; Educação; Intolerância Religiosa

¹ Mestra em Relações Étnico Raciais pelo PPRER/CEFET-RJ. Especialista em História do Rio de Janeiro pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Abstract: This work presents a reflection on the obstacles that the posture of the neo-Pentecostal churches can generate for the implementation of the teaching of African history and culture and of Afro-Brazilians in schools. Law 10.639 / 2003 makes it mandatory to teach Afro-Brazilian and African History and Culture in Basic Education, aiming to ensure the right to equal visibility of the diverse cultures that make up Brazilian society. However, we can observe that its compliance is extremely precarious. Faced with various obstacles to the application of the law, we intend to discuss in this research how the neo-Pentecostal religious influence takes place regarding it, since we identified in this relationship a barrier that seems to us to be of ideological apparatus. The interest in the theme occurred due to the increase in the number of cases of religious intolerance reported in the media and internet pages, but which have been present in the school environment against the spread of elements of Afro-Brazilian culture, especially with regard to religiosity.

Keywords: Law 10.639 / 2003; Diversity; Education; Religious intolerance

Este texto é um recorte adaptado do quarto capítulo da Dissertação de Mestrado aprovada no Programa de Pós-graduação em Relações Étnico Raciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ.

O objetivo central deste capítulo foi demonstrar os aspectos metodológicos e as análises do trabalho empírico para verificar a hipótese que direciona o nosso trabalho, a respeito dos entraves que a postura das igrejas neopentecostais pode gerar para implementação de um ensino da história e cultura africana e dos afro-brasileiros nas escolas. Buscava-se fornecer elucidações encontradas no campo de pesquisa, bem como contribuir para a construção de conhecimento a respeito da dificuldade que ainda encontramos ao se trabalhar com temas históricos e culturais do universo africano e afro-brasileiro.

Nesse sentido era fundamental fazer um diálogo entre a lei 10.639/2003 e as interpretações desses grupos evangélicos a respeito do conteúdo previsto a ser aplicado aos alunos da Educação Básica, pois a legislação tornou obrigatório o ensino sobre África e Afro-brasileiros nesse segmento do ensino, como forma de assegurar o direito à igualdade de visibilidade das diversas culturas que compõem a sociedade brasileira. Com a promulgação da Lei nº 10.639/2003 tornou-se imperativa a aprendizagem sobre o reconhecimento de uma plural *cultura brasileira*, tendo em vista que, até então, um grupo era valorizado e reconhecido em detrimento de outros que tinham suas histórias contadas como secundárias.

Portanto, este texto apresentará a análise do discurso coletado através de entrevistas não estruturadas com alunos adultos da escola pública que foi cenário para essa pesquisa. Os participantes se reconheceram evangélicos da denominação pentecostal. Nossa intuito é perceber discursos intolerantes a respeito do estudo da história e cultura afro-brasileira para compreender a dificuldade de se aplicar a Lei 10.639/03.

Precisamos elucidar que o discurso oficial de cunho pentecostal e neopentecostal a respeito das divindades afro-brasileiras, não se refere a credices, conforme nos conta Silva (2015), mas como o mal que existe no mundo, sendo necessária a apropriação da ritualística afro-brasileira para primeiramente se evidenciar o mal cristão para assim, elucidar a promessa cristã do triunfo contra o mal, quando se expulsa os demônios do corpo, ou da vida de um fiel, para ser confirmada a libertação, a salvação.

Tal esquema explicativo configura o pensamento de cunho pentecostal e neopentecostal, de que o mal estaria presente nas divindades das religiões de matrizes africanas, isso nos mostra aversão à cultura afro-brasileira e a consequente dificuldade em se promover estratégias pedagógicas dentro deste

universo que *bateriam de frente* com a opinião religiosa dos alunos. Até porque, atualmente, com a ascensão do neopentecostalismo as Igrejas Pentecostais se atualizaram; não podemos dizer que uma igreja pentecostal clássica se *neopentecostalizou*, porque há divergências em muitos aspectos do movimento pentecostal em relação ao neopentecostalismo, mas podemos pensar na aproximação de muitas das práticas neopentecostais nas igrejas pentecostais influenciando os seguidores pentecostais.

Sendo assim, escolhemos pensar o discurso fundamentalista através dos estudos de sociolinguística interacional, pois esta modalidade aborda questões culturais nas interações sociais, além de analisar a reconstrução identitária dos indivíduos através da tensão ou forma como se conduz os encontros e conversas. Este fato esclarece a postura defensiva que encontramos nos discursos fundamentalistas quando o assunto é certa aproximação com a diversidade.

Consideraremos os estudos de Erving Goffman (2002) para compreender a formação do discurso em processo de interação face a face relatados, mediante a entrevista ou na produção do discurso midiático nos programas de rádio ou TV. Também trabalhamos com o conceito de Gregory Bateson (BATESON, 1955 apud GOFFMAN, 2002), sobre enquadre para analisar o sentido da mensagem que se quer passar no discurso, além de trabalhar com o conceito de performance narrativa de Mishler (1999), como nos apresentou William Soares dos Santos (2013), em seu artigo Níveis de Interpretação na entrevista de pesquisa interpretativa com narrativas.

Por meio do conceito de narrativa como *definição precisa*, conforme nos apresentou Santos (2013) ao citar Riessman (1993), queremos identificar que *objetivos* seguem as respostas dadas na entrevista. O conceito de narrativa como definição foi desenvolvido por Rissemann (1993) que defende a narrativa como forma de contar histórias adequadas a determinados objetivos. Por isso, Rissemann (1993) nos leva a questionar o fato de uma história ser contada de uma forma e não de outra, porque se considera algo, ou seja, ao narrar se faz uma escolha.

O conceito de narrativa também foi trabalhado por Bastos (2004), em seu artigo Narrativa e vida cotidiana, onde a autora baseada em Bauman (1986) e Mishler (1999) entende a narrativa como uma construção social e não mais como uma representação do que realmente aconteceu, neste tipo de análise de narrativa valoriza-se as circunstâncias da situação e a estrutura social normativa.

Narrar algo é marcar um posicionamento e deixar o registro de tal posição para a posteridade, então se não queremos deixar rastros negativos a respeito das histórias que contamos para a posteridade fazemos escolhas de como nos

projetamos em relação ao discurso em construção procurando ser o mais correto possível podendo não ser exatamente a intenção inicial do discurso.

De acordo com Bastos (2004), toda a ambiência do dialogo obedecerá ao contexto em que os participantes estão vivenciando. Diante dos casos de intolerância religiosa, criou-se o senso comum de se projetar na imagem dos evangélicos àqueles que são propensos a intolerâncias com outros grupos culturais, principalmente aos grupos de matrizes afro-brasileiras, pois, para muito dos grupos neopentecostais, estaria no panteão afro-brasileiro o reconhecimento do mal. Nesse sentido, pensamos em algumas situações: uma em que o discurso partido de um evangélico continue reforçando a intolerância, outra em que o discurso seja afetado pela projeção de uma imagem mais tolerante e solidária, para inibir a representatividade da intolerância, principalmente no discurso solitário e particular, diferente do discurso institucional proferido nos púlpitos das igrejas ou programas de Rádio ou TV, e outra que revele que aquela pessoa que profere o discurso, de fato, não aceite o desrespeito para com a diversidade. Para avançar nas análises precisamos compreender conceitos sobre narrativas.

Santos (2013), além de dialogar com Riessman (1993), nos apresenta o conceito de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972), a respeito da estrutura de narrativa. Para os autores citados, a narrativa é um método que articula experiências passadas com uma sequência temporal, necessitando de um ponto para ser contada.

Santos (2013) nos leva a pensar a interpretação das narrativas como experiências passadas que pretendem projetar o narrador como aquele que cria sua própria performance, portanto entenderemos a ação de narrar como representação daquilo que se deseja passar para registro de memória.

Essa constatação foi apresentada por Mishler (1999) e Bastos (2004) no artigo de Santos. Conforme apresenta o autor:

Dessa forma, a narrativa pode ser considerada uma performance situada (cf. Mishler, 1999), na qual, como observa Bastos (2004, p. 121), “o narrador lida com as circunstâncias da situação e a estrutura social normativa” e constrói um mundo de ações e personagens que são postos em relação com ele mesmo e com aqueles para quem realiza a narração. (SANTOS, 2013: 25).

Santos (2013), em conformidade a Bastos (2004), defendeu a necessidade de se problematizar a relação entre evento passado, memória e narrativa. Para entender a relação entre passado, memória e narrativa, dialogaremos com Porteli (2006), que acredita que a construção de memórias é mediada por ideologias. As memórias, para não deixarem de existir, para não serem malvistas por outros

grupos, para não perderem prestígio ou credibilidade, dentro do contexto do drama social vivido têm a capacidade de se reinventar através do discurso.

O discurso neopentecostal é caracterizado por ser intolerante à religiosidade afro-brasileira; este é o drama social vivido pelos adeptos do neopentecostalismo que acabam sendo comparados aos seguidores fundamentalistas, por suas atitudes de intolerância, pois compartilham da visão de mundo cristã, da batalha espiritual entre o bem e o mal e de como serão salvos, nesse sentido há necessidade de diferenciação dentro da homogeneidade evangélica.

De fato, nessa pesquisa, percebemos um discurso pentecostal cauteloso ao mencionar sua opinião a respeito das religiões de matrizes africanas, mesmo sabendo que seu proselitismo é pautado em atribuir aos elementos das religiões de matrizes africanas a causa do mal no mundo. Não diria com isso que não haja preconceito, mas o grupo participante desta pesquisa tende a um comportamento tolerante. Isso nos faz pensar que, mesmo o discurso oficial sendo categórico em não aceitar a religião de matriz africana não se pode generalizar que os seguidores do pentecostalismo ou neopentecostalismo sejam adeptos a atitudes de intolerância, por mais que sua visão de mundo interprete o panteão afro-brasileiro como algo negativo. Refletimos sobre a distância entre o pensar e o agir e na distância entre o discurso oficial do púlpito das igrejas formador de visões de mundo e a maneira como o sujeito em si se constrói diante pensamentos hegemônicos.

Observamos o ponto narrativo, que é a razão de ser ao se relatar algo, e a performance narrativa dos entrevistados, que é como se constrói a narrativa, pois, como menciona Oliveira (2010) em seu artigo “Pra uma aula qualquer, há um professor qualquer”: performance identitária, envolvimento e construção da factualidade em narrativas institucionais, o discurso narrativo constrói o conhecimento sobre quem somos ou a imagem que queremos passar. Como veremos, por meio da narrativa dos entrevistados autodeclarados pentecostais não há nenhum problema em se aprender sobre a diversidade cultural do Brasil.

Ao todo foram entrevistados 12 alunos adultos matriculados no Ensino de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola pública da Rede Estadual do Rio de Janeiro pertencente ao município de São Gonçalo, mas utilizamos, neste trabalho, a entrevista de cinco alunos apenas. Nos limitamos a reduzir o número de entrevistados porque a maioria das respostas estavam objetivas, contudo, os cinco entrevistados selecionados trouxeram mais subsídios para pensar nosso objeto de estudo com repostas mais detalhadas.

Dos cinco entrevistados, todos se autodeclararam pentecostais e, a princípio, não se opõem à implementação da Lei 10.639/2003 em sua escola. Limitaremos a descrição e comentários de apenas parte da entrevista para o que se deseja avaliar, mas a entrevista pode ser lida na íntegra em anexo no final da dissertação. Utilizaremos para identificação: Entrevistador, Entrevistado (1), Entrevistado (2), Entrevistado (4), Entrevistado (5) e Entrevistado (6).

Perguntamos aos entrevistados sua idade, a cor de sua pele o grau de escolaridade, a religião a que pertence e sobre o conhecimento da Lei 10.639/2003. A princípio, queríamos entender a falta de identificação e vínculo dos negros do Brasil em relação à cultura afro-brasileira. Pretendíamos entender a identidade de negros pentecostais e neopentecostais, pois indiretamente, ao seguirem um discurso de cunho pentecostal, mais precisamente neopentecostal, que discrimina a religiosidade africana e afro-brasileira, estaria sendo conivente com um tipo de racismo cultural. Não é nossa pretensão à defesa da conversão em massa, ser negro não é sinônimo de ser praticante de umbanda ou candomblé nos dias atuais, mas nos inquieta o fato da não preservação cultural pelos negros e mestiços em relação às raízes culturais africanas.

Nossa entrevista se inicia com a pergunta sobre a idade, para atestar a maioridade do entrevistado, em seguida perguntamos sobre a cor da pele e a religião professada. Entender a identificação do entrevistado como pessoa negra poderia provocar reflexões a respeito da discriminação com a cultura afro-brasileira. Como é o caso do silenciamento da cultura afro-brasileira através de estratégias neopentecostais em inserir apetrechos da cultura gospel na capoeira, que *viralizou* como capoeira gospel e no acarajé transformado em bolinho de Jesus, ou seja, elementos tradicionais do cenário cultural afro-brasileiro estariam perdendo sua origem cultural por questões religiosas.

Assim, perguntamos sobre a importância da Lei 10.639/03 que implica em que se aprenda a história e os símbolos da cultura afro-brasileira, haveria um conflito de valores, a lei de um lado e os interesses institucionais neopentecostais de outro? É interessante perceber a influência religiosa ao se aplicar a lei. Nesta parte, transcrevemos um trecho da entrevista referente à aplicação da Lei 10.639/03:

Entrevistador	Essa lei ela <u>diz</u> que para <u>reparar</u> os as injustiças sociais em relação aos grupos afro-brasileiros <u>que</u> nas escolas fosse ensinado sobre a história da África, a história dos afro-brasileiros, falar <u>como</u> eu os africanos chegaram ao Brasil, os problemas que enfrentaram decorrentes da escravidão, essa essa: <u>lei diz</u> que as escolas <u>tem</u> que ensinar sobre isso o que que vocês acham sobre a <u>obrigação</u> de ensinar a história e a cultura afro-brasileira
---------------	--



	<u>nas escolas</u>
Entrevistado 1	Nada haver aprender sobre a história, problema nenhum
Entrevistado 2	É eu não vejo um <u>problema</u> de você aprender qualquer que seja a cultura o que <u>eu vejo</u> é uma: você obrigar alguém, eu acho o erro eu acho esse ai de <u>você ser</u> obrigado aprender uma coisa que talvez você, não queira não é um ensino secular seria uma obrigação de você aprender sobre uma religião então eu acho o erro está ai você ser obrigado

O ponto narrativo dos Entrevistados (1) e (2) demonstrou imagem de tolerância e aceitação de diálogo com a religiosidade afro-brasileira, dessa forma os entrevistados passam uma imagem positiva de si mesmos contrastando com o discurso neopentecostal dos púlpitos das igrejas, dos programas de TV e rádio que demonizam a cultura afro-brasileira. Os entrevistados construíram uma narrativa de diálogo em que é possível observar que nem todos os sujeitos seguem na íntegra o discurso oficial neopentecostal que demoniza as religiões de matrizes afro-brasileiras.

Podemos perceber que a fala dos participantes não se remete ao discurso proselitista propagado, nem a ação dos fundamentalistas, conforme nos relatou Silva (2015, p.195), que em outras épocas se “convocavam os exércitos de Cristo para saírem às ruas para impedir rituais afro-brasileiros”. Questionamo-nos o que está sendo considerado neste caso, *o aqui e o agora*, seria a imagem do entrevistado e sua ligação com uma instituição intolerante, ou de fato seu entendimento da convivência democrática cultural?

No trecho abaixo, entrevistamos três outros alunos do mesmo colégio, vamos identificá-los como Entrevistado (4), Entrevistado (5) e Entrevistado (6). Perguntamos se os participantes conheciam a Lei 10.639/2003 e sobre o que eles achavam de se estudar a história e cultura afro-brasileira.

Os três entrevistados acima também se declararam pentecostais e demonstraram não ter problemas em estudar sobre a história e cultura afro-brasileira. Por outro lado, é importante frisar que dois dos entrevistados têm ligação indireta com a cultura afro-brasileira, possuem ou possuíam parentesco com algum praticante da umbanda ou do candomblé:

Entrevistador	>você já teve< alguma ligação com a religião <u>afro-brasileira tipo umbanda ou candomblé</u>
Entrevistado 4	eu já tive porque minha avó: sempre foi dessa religião
Entrevistado 5	eu não tive não mesmo minha tia sendo
Entrevistador	então tem alguém da família [que é]
Entrevistado 5	[que é] mas <u>eu</u> ainda não tive e <u>não gosto</u>
Entrevistado 6	nenhuma ligação

O contato indireto com a religiosidade de matriz africana por questões de parentesco permite uma relação mais flexível entre os diferentes grupos religiosos inibindo atitudes de intolerância entre eles.

Os estudos de Risseman apontam para o fato da escolha narrativa que fazemos, os entrevistados optaram por viver em harmonia, o que resta saber é o que está sendo considerado neste contexto: tolerância, imagem pessoal, interesse em reconstruir através do discurso a imagem daqueles que até então foram vistos como fundamentalistas, novas pesquisas precisam dar conta destas questões.

O posicionamento deixado pelos entrevistados demonstra a tentativa de construir uma nova ideia de coletivo evangélico. Assim, retomamos o pensamento de Mishler (1999) e Bauman (1986), sobre a narrativa como construção social. As circunstâncias de intolerância denunciadas pelos grupos afro-brasileiros apontam para o caráter intolerante dos grupos evangélicos, sem classificá-los como fundamentalistas. Isso projeta nos evangélicos um imaginário de intolerância. Entretanto, as falas da entrevista nos levam a crer que a narrativa construída remete ao discurso tolerante, até porque o repertório narrativo evangélico quer se enquadrar sempre na figura do *bom cristão*. O bom cristão perdoa, aceita, convive, entende que não chegou a hora da conversão...

Vejamos outro trecho da entrevista:

Entrevistador	O que que vocês acham sobre os <u>casos</u> de intolerância religiosa que tem acontecido na nossa sociedade
Entrevistado 1	Eu, acho um absurdo
Entrevistador	você conhece a lei dez mil seiscentos e trinta e nove? essa <u>lei</u> ela torna <u>obrigatório</u> ↑ o estudo da história da <u>áfrica</u> e dos afro-brasileiros no Brasil vocês já tinham ouvido falar dessa lei
Entrevistado 4	não não conheço
Entrevistado 5	não conheço
Entrevistado 6	já ouvi falar
Entrevistador	legal e:: <u>qual</u> a: >assim< a opinião de vocês em ter que <u>estudar</u> é <u>obrigatório</u> né a lei >torna obrigatório< ter que estudar a história da áfrica e dos afro-brasileiros <u>história e cultura</u> da áfrica e dos afro-brasileiros o que vocês acham disso dessa lei?
Entrevistado 4	para mim é mais um aprendizado não teria preconceito nenhum
Entrevistado 5	eu aceitaria super bem estuda↑
Entrevistado 6	eu também
Entrevistado 2	Também acho um absurdo
Entrevistador	E: na visão de <u>vocês</u> quais os grupos são mais afetados
Entrevistado 1	Na minha opinião
Entrevistador	Na questão da intolerância religiosa
Entrevistado 1	Na minha opinião hoje ↑ pelo que eu tenho visto, a igreja católica esta sendo: >mais a igreja católica<
Entrevistador	>A igreja católica< está sendo: prejudicada

Entrevistado 1	Isso.
Entrevistado 2	Eu acredito que nisse ↑ todos são prejudicados que gera um conflito né? <u>então não é só a católica como também é:: o movimento movimento cristão, afro-brasileiro como outras religiões como o candomblé é: espiritismo acredito que todas sofrem com essa história</u>
Entrevistador	Ta certo muito obrigada tá

Os entrevistados (1) e (2), apesar de reconhecerem que as atitudes de intolerância afetam os seguidores de matrizes africanas, deixam transparecer que tais atitudes afetariam todas as religiões; a fala do entrevistado (2) deixa claro, inclusive, que o movimento cristão também é prejudicado no contexto da intolerância.

Apesar do episódio do “chute na santa”, que ocorreu no ano de 1995, no qual um pastor da Iurd havia chutado uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, num programa de TV da emissora Record, caracterizando o estilo beligerante neopentecostal, conforme aponta Ronaldo Almeida (2015) em seu artigo Dez anos do chute na santa – a intolerância com a diferença, não podemos descrever que as atitudes de intolerância afetem mais os grupos cristãos católicos do que os grupos de religiões afro-brasileiras, já nos dizia Vagner (2015) esse combate:

seria muita pólvora para pouco passarinho? Ou seja, o bom combate a ser travado não seria contra o catolicismo que, apesar da diminuição de fiéis verificada nas duas últimas décadas, ainda representa, segundo as mesmas fontes, 73,7% da população? (VAGNER, 2015: 193).

No entanto, não podemos deixar de lado a “oficialidade do catolicismo” que existe em nossa sociedade, como afirma Almeida (2015: 172) que em muito contribuiu para formar um pensamento favorável à cultura cristã. Diferente do que ocorreu com as demais religiões, em nosso caso, as religiões de matriz africana, que historicamente sofreram e sofrem com discriminações. De acordo com o relatório sobre intolerância religiosa, promovido pelo Centro de Articulações de Populações Marginalizadas (CEAP), em parceria com a Comissão de Combate a Intolerância Religiosa (CCIR) e o Centro de Promoção da Liberdade Religiosa e Direitos Humanos (CEPLIR), as religiões afro-brasileiras tiveram o maior número de ocorrências de denúncias sobre intolerância religiosa. Vejamos a seguir a tabela exposta no relatório:

Tabela 4

Distribuição percentual do tipo de atendimentos prestados pela CEPLIR, entre o período de abril de 2012 a dezembro de 2015, Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Tipo de atendimento/periódo	Percentual (%)
-----------------------------	----------------

Abril de 2012 a agosto de 2015	1014 (100%)
Contra Religiões Afro-brasileiras	71
Contra Evangélicos, Protestantes ou Neopentecostais	8
Contra Católicos	4
Contra Judeus e Pessoas sem Religião	4
Ataques contra a liberdade religiosa	4
Não informado/Não possui	9
Setembro a dezembro de 2015	66 (100%)
Agressões contra muçulmanos	32%
Agressões contra candomblecistas	30%
Agressões contra indígenas	6%
Agressões contra agnósticos	5%
Agressões contra pagãos	3%
Agressões contra Kardecistas	3%
Não informado/Não possui	21

Fonte: INTOLERANCIA RELIGIOSA NO BRASIL RELATÓRIO E BALANÇO, 2018, PÁGS.24 E 25.

Historicamente, as religiões de matriz afro-brasileira são proibidas ou perseguidas como caso de polícia. De acordo com o relatório de intolerância religiosa no Brasil organizado por Santos et all (2016), os negros trazidos para a América foram proibidos pela Igreja Católica de cultuarem seus deuses e entidades religiosas. A Constituição Imperial, conforme já mencionado no Capítulo 2, impedia cultos religiosos públicos que não fossem da religião católica e apesar da liberdade religiosa presente na Constituição de 1891 a historiografia brasileira demonstra a persistência de perseguições e ameaças aos grupos que professavam religião diferente ao credo católico. Essas informações ajudam a perceber que a cultura religiosa cristão não é “prejudicada no contexto da intolerância”, pelo contrário historicamente a cultura cristã auxiliou a formação de uma memória negativa sobre as religiões de matrizes afro-brasileira.

Entretanto, recentemente a Igreja Católica passou a promover atitudes de tolerância e o respeito pela diversidade plural cultural, mas o cristianismo remanejado por determinados grupos neopentecostais – tendo a frente a Iurd – mantiveram a prática da intolerância, como podemos ver nos programas de TV dessas Igrejas, quando o assunto é religiosidade afro-brasileira. Portanto, apesar de todos que compõem a sociedade sofrerem com atitudes de intolerância, pois se demonstra falta de democracia e respeito à liberdade do próximo, o prejuízo maior é para aquele que sente na pele a discriminação. Historicamente não se podem considerar semelhanças entre as discriminações entre cristãos e grupos religiosos afro-brasileiros tendo em vista que para os últimos recai além da hegemonia cristã, o peso do racismo.

Interessante observar também na fala dos entrevistados (1) e (2) a mudança de posição quando se muda o perfil da pergunta. A princípio, perguntando-se sobre a Lei 10.639/03 não havia problemas em se aprender sobre a diversidade; para o entrevistado (2), o problema era a obrigatoriedade de um conteúdo ser apreendido, mas, quando o assunto é intolerância religiosa, os entrevistados não identificam os problemas enfrentados pelos grupos afro-brasileiros, acreditando ser um problema que atinge a todos na sociedade. Nas narrativas dos entrevistados (1) e (2), não há afirmação que as religiões de matrizes africanas são discriminadas pelo discurso pentecostal e neopentecostal, ou por grupos fundamentalistas adeptos a esse discurso. Simplesmente o problema de intolerância existe sem que se definam os algozes. Não há o reconhecimento da influência do discurso pentecostal e neopentecostal nas atitudes de intolerância religiosa.

A seguir, em outra entrevista, os participantes (4), (5) e (6), também reconhecem a intolerância aos grupos candomblecistas, mas não lhes ocorre que isto está relacionado ao discurso pentecostal ou neopentecostal.

Entrevistador	então, <u>vocês</u> estão sabendo dos casos de intolerância religiosa que estão acontecendo no Brasil, vocês identificam quais os grupos que são afetados nessa intolerância religiosa? ...
Entrevistado 5	ºeu achoº
Entrevistado 4	na minha <u>opinião</u> : que são os de centro porque teve uma reportagem de uma criança que foi <u>expulsa</u> da sala de aula pelo <u>professor</u>
Entrevistado 5	e também o: aquele outro que usa o chapéu que estava lá matava também e:: >como se fala o nome< é:: ... Judaísmo né
Entrevistador	ah: tá, mas no Brasil >você acha que< são os <u>judeus</u> , você acha que são <u>evangélicos, católicos...</u>
Entrevistado 4	são os do CANDOMBLE
Entrevistado 5	[São acho que são]
Entrevistado 4	[São os grupos ligados]
Entrevistado 5	>São os do candomblé< mas já viu que, quem são as pessoas que tem realmente dinheiro e eu acho que não tem também
Entrevistado 4	É
Entrevistado 5	as que tem mais dinheiro são dessas e e essa religião que é [afetada]
Entrevistador	[Mais afetada] então tá
Entrevistado 4	literalmente o preconceito é horrível

Ao acharem um absurdo os casos de intolerância afirmam para a posteridade sua posição social harmônica com a diversidade. Por outro lado, sabemos que a presente atuação dos grupos seguidores das religiões de matrizes africanas em se organizar junto aos órgãos públicos competentes cobrando ações do Estado ante aos casos de intolerância tem deixado os grupos neopentecostais

receosos das responsabilidades com a *lei*; ainda trazemos na memória o episódio do “chute na santa” e suas repercuções negativas a imagem dos evangélicos.

As repercuções negativas a partir de comportamentos intolerantes, como foi o caso do “chute na santa”, promoveu, em relação a Iurd, um recuo estratégico nas referencias mais explícitas a discriminação de santos, orixás e demais entidades do panteão afro-brasileiro. De acordo com Almeida (2015) o confronto religioso tem sido feito com o termo diabo, ou encosto, uma forma mais difusa e menos polêmica para se referir as entidades do panteão afro-brasileiro.

Oliveira (2010), ao mencionar Bauman (1986), nos faz pensar sobre o conceito de performance. Assim, refletimos sobre a performance neopentecostal de cunho imagético, daquilo que se espera que seja a imagem performática do coletivo neopentecostal. Os entrevistados não são neopentecostais, são evangélicos pentecostais, mas, por ser parte do grupo evangélico, acabam sofrendo influência da imagem negativa dos grupos fundamentalistas e/ou do próprio discurso oficial neopentecostal. Os entrevistados apresentam sua postura particular, projetam seu eu na relação com o outro, repelindo sua imagem pessoal quanto as questões de intolerância procuradas nesta pesquisa. Contudo Oliveira (2010) nos chama a atenção para observarmos a comunicação humana para além do conteúdo referencial.

Particularmente, os sujeitos estariam plenamente de acordo com o discurso oficial neopentecostal? O que nos traz essa indagação é o fato de que há registros sobre a intolerância, portanto há a vítima, mas não se encontram os algozes. O discurso institucional neopentecostal se afirma intolerante embora seus seguidores não queiram se responsabilizar pela intolerância. As respostas dos entrevistados apontam para pensarmos a falta de relação entre o discurso oficial pentecostal e neopentecostal e as atitudes de intolerância partidas desse universo, num contexto fundamentalista. O que pode ser avaliado é que mesmo sob a ótica do preconceito esses entrevistados não são fundamentalistas nem aceitam atitudes de intolerância.

Programas midiáticos de base religiosa, como *Fala que eu te escuto*, *Ponto de Luz*, *Pare de sofrer*, *Show da fé*, trazem narrativas que marcam as religiões de matrizes africanas como sendo as causadoras do mal, como por exemplo, os testemunhos de conversão, que segundo Silva (2015), exploram a construção da imagem dos cultos afro-brasileiros como sendo o ambiente exclusivo para se causar a morte de inimigos, para se disseminar doenças, para separação de casais, e todo o mal imaginado possível. Então, há base para se compreender a intolerância, há denúncias de intolerância em que o suspeito agressor é do meio evangélico,

portanto temos elementos nesse cenário que dificultam dialogar sobre a diversidade religiosa no Brasil e suas intolerâncias.

Notamos contradição entre os discursos midiáticos e as respostas dadas pelos entrevistados. O discurso das lideranças religiosas pentecostais e neopentecostais não está reverberando nas respostas dos entrevistados, com base nos dados coletados não podemos avançar sobre o que causa tal distanciamento entre o discurso institucional das igrejas e o posicionamento dos sujeitos entrevistados, apenas pesquisas mais aprofundadas poderão esclarecer tal fato.

Oliveira (2010) sinaliza um aspecto mencionado por Bauman (1986), a respeito das performances narrativas serem demarcadas pela audiência e por condições sócio-históricas específicas. De fato, observamos no discurso proselitista midiático a formação do consenso coletivo dos fiéis, de que as divindades do panteão afro-brasileiro seriam a constatação do mal. Assim sendo, há o empenho em se desenvolver uma narrativa caracterizada pela intolerância, mas na entrevista realizada para este trabalho os entrevistados não afirmam categoricamente a intolerância partida do seu meio religioso. A performance da experiência pessoal só sinaliza aversão aos cultos afro-brasileiros, mas quando são testemunhos veiculados na mídia ou nos púlpitos das Igrejas, principalmente os testemunhos de ex-integrantes das religiões afro-brasileiras, diga-se de passagem, que são testemunhos detalhados de como todo mal era feito.

Oliveira (2010) nos ajuda a perceber que a cada performance há a transformação da estória em função da situação específica. O atual contexto identifica atitudes de intolerância como um erro, assim o enquadre, a mensagem contida no enunciado do discurso precisa estar alinhado com a solidariedade traduzida pela afirmação da tolerância. Podemos supor que as falas veiculadas na entrevista projetaram para a posteridade a imagem positiva dos evangélicos, contudo, outras pesquisas precisarão constatar essa reflexão.

As transformações nas narrativas ocorreram, portanto, em função das especificidades da situação, ou seja, a entrevista quer avaliar a narrativa de intolerância, pois nossa hipótese foi construída a partir dos discursos veiculados na mídia que atribuem aversão dos grupos pentecostais, mais evidentemente os neopentecostais, seja por casos de denúncias religiosas, ou através do próprio discurso dos programas de TV ou rádio neopentecostais, mas vimos exatamente o contrário. Reconfiguramos nossa hipótese para o fato do porquê da contradição entre o discurso institucional e o discurso particular.

Sendo o discurso neopentecostal atribuído à intolerância esperávamos encontrá-lo nas narrativas pessoais, mas, ao contrário, pudemos evidenciar duas

novas hipóteses: ou os entrevistados, mesmo tendo preconceito, não seguem os aspectos dos grupos fundamentalistas neopentecostais, ou não querem ver seus nomes associados ao aspecto fundamentalista que tanto se critica.

Na projeção de uma performance, o narrador está lidando com as circunstâncias de uma dada situação, assim se constrói a ação onde o narrador relaciona-se com ele mesmo e com os interlocutores para quem se realiza a narração. Assim sendo, percebemos que o ato de narrar não é neutro e isento de crenças e valores, pode estar imbuído de posição política em defesa dos próprios pentecostais ou neopentecostais do que de fato uma solidariedade com a diversidade cultural e religiosa brasileira.

O conceito de enquadre pensado por Goffman (2002), no caso em questão, relaciona-se ao discurso de caráter pentecostal tem se apresentado com sentidos distintos. A mensagem veiculada nos meios de comunicação dirigidos por grupos neopentecostais se constrói um enquadre de intolerância, mas a entrevista face a face tem projetado um enquadre tolerante. Voltamos a Goffman (2002), pois o autor insiste para que os pesquisadores deem a devida importância para a situação social que emerge nas interações face a face, pois os relatos da entrevista diferem do discurso midiático, isso nos leva a pensar que a interação face a face pode colaborar para se repensar a postura de intolerância direta/agressiva e indireta/sem empatia. Para o autor, em qualquer situação face a face é possível gerenciar a produção ou recepção das elocuções promovendo negociações constantes no dialogo, ou na pior das hipóteses pode ajudar a mascarar o real sentido do discurso, pois o que está em jogo é a complexidade das relações e o desempenho das identidades sociais e linguísticas.

Isso nos levanta o seguinte questionamento: seria a intolerância caso particular de algumas pessoas seguidoras do discurso neopentecostal, ou as atitudes de intolerância remetem-se à construção de uma lógica de comportamento direcionada pelo discurso oficial neopentecostal em assumir uma posição segregadora, de rejeitar a diversidade cultural brasileira em especial no tocante as religiões de matrizes africanas?

Segundo Goffman (2002), o enquadre sinaliza o que dizemos, fazemos ou interpretamos, dando noção do que está implícito na mensagem. A mensagem contida no enunciado dos entrevistados sinaliza recuo a confrontos em relação à cultura afro-brasileira. Mas, o que estava acontecendo no *aqui e agora*, no ato da entrevista, era a projeção do eu particular, pertencente ao discurso de cunho pentecostal que se encontra sendo caracterizado na mídia como discurso da intolerância, portanto convém mudar o discurso. Somente a pessoa que profere o

discurso saberá de fato o que estava implícito na mensagem se era a proteção do rótulo de evangélico como imagem positiva ou um caminho para a tolerância à diversidade.

Bibliografia

- BASTOS, L. C. e SANTOS, W. S. *A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação*. Rio de Janeiro: Quartet, 2013.
- BASTOS, L. C. "Narrativa e vida cotidiana". *SCRIPTA*. Belo Horizonte, V. 7, n. 14, p.118-127, 1º sem. 2004.
- GOFFMAN, E. "Footing" In: RIBEIRO, B. T. e GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, [1979] 2002.
- MARIANO, Ricardo. Pentecostais em ação – A demonização dos cultos afro-brasileiros. In: SILVA, Vagner Gonçalves da. *Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-brasileiro/ Vagner Gonçalves da Silva (org.)* – 1 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- MELO, Alice. No ritmo de Jesus. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, Ano 8, nº 87, p 15-19, 2012.
- MOREIRA, Marcio de Araújo. *Análise do Impacto da Lei 10639/2003 No Exame Nacional do Ensino Médio de 1998 A 2013*. 2015. 111 f. Dissertação (Mestrado em Relações Raciais) – PPRER - CEFET-RJ.
- OLIVEIRA, T. "Pra uma aula qualquer, há um professor qualquer: performance identitária, envolvimento e construção da factualidade em narrativas institucionais". *Revista Intercâmbio*, volume XXI: 118-138, 2010. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x
- PORTELI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944). In: FERREIRA, Marieta & AMADO, Janaina. *Usos e Abusos da História Oral*. RJ: FGV.
- SANTOS, W. S. "Níveis de interpretação na entrevista de pesquisa interpretativa com narrativas". In: BASTOS, L. C. e SANTOS, W. S. *A entrevista na pesquisa qualitativa:perspectivas em análise da narrativa e da interação*. Rio de Janeiro: Quartet, 2013.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. Entre a gira de fé e Jesus de Nazaré – Relações socioestruturais entre neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras. In: *Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-brasileiro/ Vagner Gonçalves da Silva (org.)* – 1 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

Sites na Internet

- <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2012/11/evangelicos-se-recusam-apresentar-projeto-sobre-cultura-africana-no-am.html>.
- <https://pensadoranonimo.com.br/alunos-evangelicos-se-recusam-a-fazer-trabalho-sobre-a-cultura-afro-brasileira./>
- <http://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/escola-que-foi-palco-de-conflitos-entre-alunos-evangelicos-e-professores-superou-o-impasse>.
- <https://extra.globo.com/casos-de-policia/jovem-vitima-de-intolerancia-religiosa-dentro-de-escola-em-sao-goncalo-21734126.html>